Estigma e Velhice: ensaios sobre a manipulação da idade deteriorada

Stigma and old age: essays on the manipulation of the deteriorated age

Márcia Andréa Rodrigues Andrade

"A história da Sociologia não é a história da grande teoria, mas dos grandes estudos sobre a sociedade." (Becker, 1996).

RESUMO: A abordagem do envelhecimento é assunto tratado por diversas ciências e saberes. Se antes o estudo nessa área era uma raridade, com a contribuição do que se tornou um problema social, essa categoria vem recebendo relativa importância nas arenas acadêmicas, televisivas e nos diversos âmbitos de socialização tendo como saída os propósitos da terceira idade. Dentre as várias abordagens que nela se configuram, temos as questões de identidade, papéis sociais e estigma. De cunho teórico, este estudo tem como objetivo analisar o processo estigmatizante pelos quais passam os idosos, e como esse fenômeno se torna interessante para refletirmos acerca das relações entre os idosos e os demais indivíduos na sociedade. Foram utilizados livros e artigos disponibilizados na internet, de autores que se destacam no assunto, tendo como base o estudo feito por Erving Goffman (1988), em seu livro *Estigma: notas sobre a manipulação da imagem deteriorada*. Será discutida, a visão do estigma em Goffman, a construção social da velhice e a relação com o estigma social, à medida que são mencionados alguns elementos, tais como: identidade social, visibilidade, encobrimento, técnicas de controle de informação e biografia, que por sua vez são pertinentes para refletimos a partir de conceitos sobre estigma empregados por Goffman. Deste modo, o presente trabalho estabelece uma conexão entre envelhecimento e estigma, no sentido de não apenas aumentar o conhecimento sobre o tema, mas também incentivar o estudo e as pesquisas sobre a temática para investigadores e demais interessados.

Palavras-chave: Envelhecimento; Estigma; Goffman.

ABSTRACT: *The approach of the aging it is a subject handled by several sciences and knowledges. Before, the study in this area was a rarity, with the contribution of what has become a social problem, this category has received relative importance in academic arenas, television and in various areas of socialization, and as output, the purposes of third age. Among several approaches that are configured on it, we have issues of identity, social roles and stigma. This study aims to analyze the stigmatizing by which pass the elderly and how this phenomenon is interesting to reflect on the relationships between them and the other individuals in society. It was used books and articles available on the Internet, coming from authors who highlight in the subject, based on the study by Erving Goffman in his book Stigma: Notes on the management of the deteriorated image. It Will be discussed, the comprehension of stigma in Goffman, the social construction of old age and relationship with the social stigma, as they are referred to some elements, such as: social identity, visibility, concealment, techniques of information control and biography, which are relevant to reflect about concepts from stigma applyed by Goffman. Thus, this study establishes a connection between aging and stigma to not only increase knowledge on the subject, but also encourage the study and research on the topic for researchers and other interested parties.*

Keywords: *Aging; Stigma; Society.*

Introdução

A abordagem do envelhecimento está sendo estudada por diversas ciências. Se antes o estudo nessa área era uma raridade, hoje esses grupos de maior idade são destaque nas arenas acadêmicas, televisivas e nos diversos âmbitos de socialização.

Com isso, temos uma gama de estudos que versam sobre diversas temáticas, que vão desde a categorização gerontológica, passando por conflitos geracionais, família, trabalho e aposentadoria, representação, estigmas, sexualidade e AIDS. E não foi apenas devido ao aumento no contingente populacional. As formas de evidenciar as representações sociais dos idosos contribuíram bastante para a consolidação de outros estudos, bem como projetos e políticas públicas.

Entretanto, há muito que avançar. Sabe-se que, embora os estudos sobre o envelhecimento na área das Ciências Sociais tenham melhorado consideravelmente sob alguns aspectos, os estudos relacionados especificamente entre o idoso e estigma, ainda é escasso.

Em pesquisa feita pela internet no mês de dezembro de 2010, no site *Domínio Público*, com as diversas dissertações e teses existentes no banco de dados do referido site, constatou-se que há uma carência de estudos que versam sobre essa temática. Dos 65 trabalhos encontrados com a palavra chave *Estigma*, nenhum apresentou relação com questões sobre idoso ou envelhecimento, sendo estes, apresentados em sua maioria, relacionados à homossexualidade, tanto feminina como masculina, HIV/AIDS e Hanseníase.

Da mesma forma ocorreu, ao se colocar a palavra *Envelhecimento*. No entanto, dessa vez surgiram mais trabalhos, cerca de 80 no total, que dentre outras questões, tiveram destaque a representação da velhice, educação para o idoso e mídia.

Com o intuito de complementar o processo, foi feito o mesmo procedimento na base de dados da *Scielo* em busca de artigos que abordassem o assunto, porém, sem obtenção de êxito.

É importante destacar que, o tema escolhido é de considerável relevância, pois a velhice faz parte da organização social e preenchimento de papéis sociais dos indivíduos. Infelizmente, percebe-se que a iniciativa dos pesquisadores e demais estudantes em abordar o assunto, ainda é pequena, refletindo a escassez de alguns temas nas Ciências Sociais.

É relevante mencionar que essa notável parcela da população vem enfrentando diversos problemas, não apenas no que concerne ao plano biológico, mas também, aos aspectos sociais. As formas de socialização dos idosos fazem parte de uma série de representações sobre a maneira de entender como ocorrem as interações interpessoais nos diversos âmbitos de convívio social. Na sociedade em que vivemos, por vezes chamada de sociedade descartável, há o culto implacável da juventude, que condiciona cada vez mais a degradação do indivíduo segregado ao envelhecimento.

Deste modo, o que para muitos indivíduos seria a condição para a melhor idade, torna-se verdade uma marginalização em massa, a condução a decadência, a estigmatização do idoso que não adquire mais a capacidade de obter relações, opiniões,

sexualidade, entre outros, que, por conseguinte, resultam em preconceito por parte da sociedade.

Destacado essas lastimáveis características, venho através deste estudo, trabalhar as concepções estigmatizantes sob as quais passam os idosos, para não chamá-los de velhos, conforme Lins de Barros (2004), que entre outras questões, nos informa que tal denominação remete ao idoso uma representação de decadência, fragilidade e tantos outros atributos desprezíveis. Neste sentido, evidenciarei com destaque as concepções de um dos grandes autores contemporâneos dos estudos sociológicos interessados na temática, Erving Goffman.

Proponho um processo investigativo, no sentido de demonstrar através do estudo de Goffman especificamente em seu livro *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, editado em 1982, no esforço de refletir, como podemos perceber na sociedade contemporânea, o processo estigmatizante pelos quais passam os idosos, ou seja, visando um estudo teórico através de conceitos oriundos do livro, como é possível perceber, através dos indícios representados na sociedade ocidental o processo estigmatizante desses sujeitos.

Diante disso, o livro aponta uma relação de indivíduos estigmatizados, nos quais podemos citar: os deficientes físicos, as profissionais do sexo, os órfãos, as pessoas que convivem com AIDS, os judeus, e, embora sem ênfase, o idoso se faz presente neste contexto.

Assim, em seu legado, podemos alocar os sentimentos, as representações e muitas vezes os desejos por parte dos estigmatizados, como mostrado em passagens e relatos dos mesmos no livro.

O estigma torna-se algo tão construído em nossa sociedade, que é necessário, neste caso, formular algumas políticas públicas de suporte as vítimas. Além disso, o estigma exerce outra função interessante, pois faz com que os indivíduos percam sua identidade, ou as transforme.

De acordo com Goffman (1988), estigmas são atributos que tornam o indivíduo possuidor em “desvantagem” para com os demais.

Já para Melo (2009), esse atributo estigmatizante causa muitos problemas ao individuo portador, visto que a sociedade reduz as oportunidades, esforços e movimentos, ou seja, não atribui valor algum, impõe também a perda da identidade social e determina uma imagem deteriorada.

Existem duas categorias nas quais o indivíduo portador de estigma pode se encaixar, sendo, portanto, ou desacreditado ou desacreditável. No primeiro caso o estigma já é conhecido, ele se destaca, ou é imediatamente evidente, temos como exemplo um deficiente físico em cadeiras de rodas. Já no segundo caso, o indivíduo não apresenta um estigma aparente ou visivelmente perceptível, tendo como exemplo um ex-presidiário, ou até mesmo um indivíduo com disfemia e que esteja calado.

Diante dos fatos mencionados, o artigo tem por objetivo analisar a partir dos pressupostos de Goffman, a relação do idoso e estigma, isto é, o que este autor tem a nos dizer sobre o processo estigmatizante que os mesmos passam numa determinada fase da vida, relacionando alguns elementos necessários para elencar e nortear a concepção de estigma no idoso na atualidade.

Destarte, serão abordados então, alguns termos relevantes, tais como: identidade social, visibilidade, encobrimento, técnicas de controle de informação e biografia. Todas contidas no livro e que servem de elementos no estudo dos estigmas dos idosos que são, por Goffman, considerados seres desacreditados, trazendo, com isso, uma contribuição a mais nos estudos sociológicos sobre envelhecimento.

Sendo assim, no intuito de refletir através dos ensaios apontados por Goffman, o trabalho propõe reflexões para debates que envolvem as Ciências Sociais e o envelhecimento.

Interacionismo Simbólico e a Escola de Chicago: Algumas Considerações

A Sociologia de Goffman concentra-se no que se chama de Microssociologia, corrente sociológica que teve início na Escola de Chicago. Na Microssociologia, Goffman interessou-se por estudos sobre a Interação Social dos indivíduos, embora nunca tenha se intitulado interacionista. Dentre suas variadas formas de escrever, Goffman se destacou por pensar aspectos como: as relações face a face, as representações sociais, as condutas desviantes, identidade social, entre outros.

A corrente do Interacionismo Simbólico teve início na Escola de Chicago[1], que segundo Becker (1996), foi fundada em 1895 por um milionário chamado John D. Rockfeller, que doou uma grande quantia para a construção da escola.

Inicialmente foram construídos dois Departamentos, um de Antropologia e outro de Sociologia, em 1929. Este último, tinha como principal preocupação, a valorização dos estudos de campo, em oposição aos estudos voltados para as concepções teórico – metodológicas da Sociologia. (Velho, 2008).

De acordo com Becker (1996), após a doação de Rockfeller, um professor chamado Albon Small se apropriou da escola, tornando-se o 1º professor de Sociologia e também fundador do 1º Departamento de Sociologia dos Estados Unidos. Também fundou a 1ª Revista de Sociologia dos EUA, publicada até hoje: a *American Journal of Sociology,* sendo uma das três maiores revistas dos EUA. A revista tinha como propósito, expor para a sociedade, os estudos realizados em Chicago. Deste modo, era possível saber sobre questões como a pobreza e a imigração, grandes focos de pesquisa na época. Logo, estudar sociologia era estudar os aspectos sociais decorrentes na cidade.

Para dar continuidade aos estudos na Escola de Chicago, Albon convidou um Jornalista que possuía doutorado e que era conhecido na cidade por escrever sobre aspectos sociais na coluna do Jornal em que trabalhava na época. Esse personagem era Robert E. Park[2], pessoa de bastante influência na escola até a década de 1930, e que durante muitos anos lecionou algumas disciplinas, ficando na escola até se aposentar.

Joas (1999) argumenta que, a sociologia criminal, urbana e ocupacional foi o grande destaque nos estudos da Escola de Chicago. Sobre o Interacionismo Simbólico é importante destacar:

> É visto como a continuação de certas partes do pensamento e obra do heterogêneo grupo interdisciplinar de teóricos, pesquisadores e reformadores sociais da Universidade de Chicago que exerceram certa influência na sociologia americana entre 1890 e 1940. (1999: 131).

---

[1] Para mais detalhes sobre a história da Escola de Chicago, ver Capítulo III do livro *Teoria Social Hoje,* de Giddens e Turner, UNESP: 1999.

[2] Sobre Park, obtêm-se mais detalhes em *Teoria Social Hoje*, de Giddens e Turner, UNESP: 1999: 152-157.

Deste modo, podemos perceber a importância do Interacionismo Simbólico no sentido de alavancar pesquisas quase que antropológicas (etnografias) dos diversos fatos sociais, sem que com isso se perca de vista a importância dos teóricos clássicos europeus da sociologia. É importante destacar que para Joas (1999), é um equivoco considerar a Escola de Chicago como consequência dos estudos dos clássicos.

Esse esclarecimento é importante, pois sabendo-se que o quadro teórico da Escola se originou da filosofia social do Pragmatismo[3]. Tal concepção deve se pautar em um pensamento americano e não europeu.

Assim, o Interacionismo Simbólico é definido como sendo uma linha de pesquisa sociológica e sociopsicológica instituído por Herbert Blumer em 1938, cujo enfoque é os processos de interação – ação social, caracterizada por uma reciprocidade entre os sujeitos envolvidos, de modo que esses processos se baseiem num conceito específico de interação que privilegia o caráter simbólico da ação social (JOAS, 1999).

Consequentemente, Blumer, Park, Hughes, Dewey, Mead, e Thomas foram, partindo do pragmatismo, os grandes pesquisadores consolidaram o Interacionismo Simbólico.

Visão Geral do Estigma, em Erving Goffman

O autor é Canadense, nascido em 11 de junho de 1922. De família judia, filho de pai russo com mãe ucraniana. Erving Goffman viveu neste país por toda a sua infância e adolescência, quando, posteriormente, foi para os Estados Unidos a fim de estudar na Escola de Chicago, onde se inseriu num grupo de estudiosos interacionistas. Mas antes, em Winnipeg o sociólogo identificou-se inicialmente com a disciplina de química já que nesse período não havia estudos sobre sociologia no país. Depois trabalhou com cinema e teatro, o qual foi de grande relevância, pois muito dos seus conceitos remetem ao teatro, dentre eles podemos citar: ator, imagem, interação, identidade, entre outros, e que foram introduzidos em seus estudos de cunho sociológico. Já nos Estados Unidos graduou-se em sociologia, fez mestrado em antropologia e novamente voltou à sociologia para conclusão de seu doutorado. Lecionou disciplinas de antropologia e

[3] O Pragmatismo, segundo Joas (1999: 133), é a filosofia da Ação. "É orientada pela concepção do controle social no sentido de autoregulação e solução de problemas coletivos".

sociologia do desvio na Pensilvânia – EUA, onde permaneceu até sua morte em 20 de novembro de 1982. (Nascimento, 2009).

Tal proposta apresentada por ele requer que pensemos a sociologia como meio de discussão dos aspectos sociais cotidianos, evidenciados nas condutas dos indivíduos, interagindo entre si.

Dentre os livros escritos por Goffman, devo destacar *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, editado e traduzido no Brasil em 1982. Este livro como informa o título foi escrito sob a forma de notas, com muitos exemplos, e depoimentos de sujeitos por ele considerados estigmatizados. No livro o autor expõe o que é estigma, quais os indivíduos estigmatizados e como se estabelece a partir dessa realidade as interações face - a - face, sendo sua estruturação feita através de cinco capítulos que, detalhadamente, tratam de pontos como a socialização dos estigmatizados, a manipulação da informação sobre seu estigma, e as diversas relações encontradas em situação de interação social.

De fato, Goffman não tem o interesse de estudar o estigma em si, mais sua importância se deve ao fato de que esses indivíduos manipulam suas identidades, bem como utilizam estratégias para lidar com a rejeição da sociedade, suas relações, encobrimento do estigma, adequação das normatizações impostas pela sociedade ou até mesmo para melhor aceitação de sua condição de estigmatizado. Em resumo, relacionar o estigma a um desvio social e a contextos sociais de interação.

Há, no entanto, uma perda da identidade como imagem deteriorada e um controle sobre informações que dizem respeito apenas ao próprio estigmatizado e seus familiares como forma de manipulação.

A partir dessa assertiva, Goffman lança mão de vários elementos que explicam o que de fato acontece nas relações entre os indivíduos, tanto do estigmatizado com outro, bem como entre o estigmatizado com um individuo "normal". Esses elementos vão dar conta de condições sob as quais venho apresentar nesse texto como parte do meu processo de investigação sobre os idosos.

Torna-se relevante conceituar a partir de Goffman o que é estigma. Que de acordo com Rebouças (2008), historicamente o Estigma eram marcas corporais, também chamadas de Chagas, que eram atribuídas aos escravos, criminosos ou traidores. Por isso deveriam ser evitadas dos espaços públicos. Porém, na época do Cristianismo eram tidas como sinais de uma graça divina.

Para Russo (2008), o estigma é usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, algo maléfico, abominado pela sociedade e que, portanto, deve ser evitado a todo custo. São indivíduos com deformações físicas, psíquicas, de caráter ou de qualquer outra diferença que caracterize aos olhos dos outros padrões de inferioridade.

Esse conceito é resultado do que a sociedade construiu ao longo dos anos. A sociedade produz padrões que são aceitos e seguidos, que por sua vez categoriza o individuo, sua identidade e as relações sociais com o meio. Há três tipos de estigma por ele descrito, que são: as abominações do corpo, as de caráter individual, e os transmitidos pela linhagem, como por exemplo: raça, nação e religião. (Goffman, 1988).

É importante mencionar que, embora Goffman (1988) não tenha trabalhado de modo explícito sobre a velhice, alguns pontos são destacados em seu livro e que podem perfeitamente enriquecer o debate no que se refere ao estigma na velhice.

Além disso, o fato de ser um estudo com base no interacionismo, os comportamentos e formas de manipulação de uma identidade "velha", senão deteriorada, é bastante nítida na sociedade. As formas de encobrimento pode ser um bom exemplo dessa realidade.

Construção social da velhice e a relação com o estigma social

Definir o envelhecimento da sociedade por parâmetros únicos e sem considerar outros fatores e inviável. Até a concepção de velhice por parte da sociedade é divergente. Muitos se enquadram a partir de critérios de idade, outros por valores morais e culturais, outros por sua vez consideraram seu lugar social, dentre outras variadas concepções a respeito.

Deste modo, entende-se que o estudo das idades não é homogêneo. A noção do envelhecimento é construída por meio de representações culturais e sociais do tempo, que é uma etapa normativa de cada fase da vida humana, ou seja, a sociedade estabelece o tempo ideal para algumas atitudes no decorrer da vida, como por exemplo, a idade para casar, ter filhos, entrar no mercado de trabalho, ter a primeira relação sexual, entre tantos outros. (Langevin, 2006).

A questão da velhice foi por muito tempo negligenciado pelas ciências humanas. Os estudos eram escassos e só agora, pouco a pouco, o interesse por essa temática vai tomando amplitude. Inicialmente esse direcionamento se deu com o advento da Gerontologia. E hoje, a Psicologia, a Pedagogia, as Ciências Sociais entre outros, destinam-se a estudar os diversos aspectos relacionados aos idosos.

A amplitude dos estudos por outras áreas se deu ao fato da Gerontologia ser um campo de estudo específico ligado, sobretudo, a área da saúde. O olhar de outras ciências para com os sujeitos de mais idade tornava-se então uma ponte necessária de conhecimento.

Sobre isso, Debert (2005) afirma que as instituições, ao fornecerem o estudo da Gerontologia, estavam interessadas em formar especialistas no envelhecimento. Como consequência, ocorreram tentativas de homogeneização das representações da idade numa nova categorização cultural da velhice. Nesse momento, o avanço da idade torna-se um processo de perdas e de dependência, no qual o individuo idoso estaria fadado à situação de abandono e desprezo.

Segundo Peixoto (2004: 11), "o leque de estudos sobre envelhecimento versam sobre questões de sociabilidade, as relações entre as gerações, as transmissões materiais e afetivas, e o asilamento". Aliados a isso vieram os estudos sobre aposentadorias e sexualidade.

Desde que foi constatado pela demografia o grande aumento dos idosos, consequência das melhorias na qualidade de sobrevida, os estudos sobre os mesmos ganharam ênfase.

Langevin (2006) enfatiza que, desde o início de tal fenômeno, ou seja, o aumento de idade acima dos 60 anos, o conjunto do modo de vida transformou-se consideravelmente. E com isso, evidentemente, mais fatos sociais que rodeiam esses sujeitos foram sendo focos de estudos e pesquisas. Dada sua importância, a questão da velhice pressupõe uma visão simbólica do futuro, no qual se organizam enquadramentos socioeconômicos e éticos dos comportamentos.

Ainda de acordo com Langevin (2006: 137),

> As condições de vida, os postos de trabalho, o poder econômico, a formação, as aquisições culturais têm aí um papel maior e o

> envelhecimento fisiológico confunde-se estreitamente com o envelhecimento socioeconômico.

Apesar de se atribuir uma relevante importância à categorização desses idosos, não é apenas nas condições socioeconômicas que se observam as disparidades, sendo estas refletidas nos enquadramentos desses sujeitos.

Sendo assim, a exclusão dos idosos pode ser percebida também através do conflito de gênero. É notório perceber e se perguntar de que idosos estamos falando. O processo de estigma é igualmente refletido em todo e qualquer idoso?

A velhice como processo de inserção num estágio mais avançado de vida pressupõe aspectos de acumulação de conhecimento necessários para o preenchimento de papéis sociais. Nesse contexto a idade como construção da velhice ainda é uma dimensão fundamental para o processo de organização social, resultando numa problematização do significado que as idades ganham em nossa sociedade. (Debert, 2006).

É por meio de todo contexto social em que vivemos que Goffman nos mostra alguns questionamentos pertinentes para pensarmos o modo como a sociedade estabelece os meios de categorizar os indivíduos, e assim, estabelecer padrões de normalidade.

De acordo com Goffman (1988), os ambientes sociais oferecem o lugar apropriado de se encontrar as categorias e exigências para o enquadramento das pessoas. O fato é posto da seguinte forma: quando uma pessoa nos é apresentada, logo encontramos um meio de categorizá-la. Tais pré-noções são transformadas em expectativas, que nem sempre os sujeitos estão aptos a preenchê-las em todas as situações.

Faz-se toda uma análise num nível muitas vezes superficial dos indivíduos, tais como ocupação, local em que reside, raça, biotipo, que engloba o peso altura, e claro, e não menos importante, a idade. São nossas exigências que precisam ser supridas em relação aos outros, que condicionam muitas vezes nossas percepções, ou então para usar termos de Goffman, atributos da nossa visibilidade. Assim, construímos uma identidade social virtual, que não corresponde à imagem verdadeira, posto que, a identidade efetiva do indivíduo é a real.

Dentre nossa gama de análises, podem existir evidências de características ou atributos diferentes dos demais, fazendo-o ser, deste modo, um indivíduo indesejável. Um estigma é a relação entre atributo e estereótipo. (Goffman, 1988).

O idoso então estaria enquadrado no que Goffman chama de culpas de caráter, um dos três tipos de estigma por ele descrito. De acordo com o autor, vivendo em sociedade, as pessoas com estigma passam por diversos problemas de aceitação. Em muitos casos, e se possível for, a resposta imediata é garantida com a correção do problema gerador do estigma.

Para Lins de Barros (2004), essa não aceitação se deve ao fato de que a juventude é a idade padrão da sociedade contemporânea, embora saibamos que alguns países, e isso incluiriam o Brasil, já são consideradas como nações de população envelhecida.

Assim, a velhice é encarada como declínio, uma vez que o indivíduo na condição de idoso ultrapassou o ponto máximo do ciclo de vida. Além do mais, outras ciências se apropriam desse contexto social para pensar a velhice sob diferentes aspectos. A medicina, por exemplo, estabelece uma série de normatizações e a psicologia condutas que são atribuídas a um dado grupo social específico.

É relevante pensar em tais características muitas vezes indesejáveis estipuladas pela medicina e pela mídia, no qual se atribui aos idosos algumas doenças crônicas e irreversíveis tais como o diabetes, Alzheimer deficiência auditiva[4], que embora acometam outras pessoas de menos idade, são visualizadas no imaginário e condicionadas às pessoas idosas. Tal processo é importante para a argumentação em Sociologia no sentido de orientar a organização social dos idosos por meios de fatores que, obstante, operam sob a forma de classificação das idades e gerações.

A argumentação no que diz respeito ao estigma, alimenta-se dessas disposições enunciadas pela medicina e também pela mídia. O fato de atribuir-se algumas doenças à condição de idoso faz com que o mesmo queira a todo custo não parecer velho, ou não estar envelhecendo, gerando com isso uma longa batalha contra o tempo.

A vitimização garante que o indivíduo se sirva de meios que o façam corrigir seu problema. (Goffman, 1988). Isso ocorre com a grande valorização da sociedade pela

[4]Debert (2003) aborda, em seu artigo, "O velho na Propaganda", o modo como os idosos são abordados pela mídia sob esses aspectos, bem como a condição de Reprivatização da Velhice no Contexto Social Contemporâneo.

estética e, excluindo-se o padrão do estereótipo, magra e de cabelo liso, vendo a juventude como tendência extrema.

Sobre esse assunto, há de se destacar que a sociedade hoje estabelece diversos padrões como foi mencionado anteriormente, dentre eles os físicos, que por sua vez englobam os padrões de beleza, sob as quais os idosos, pela sua idade e falta de vigor, estariam automaticamente fora dela. Muitos deles fazem diversas plásticas faciais, lipoaspirações, vão à academia todos os dias religiosamente, não apenas para melhorar a saúde e sentir-se bem, mais, sobretudo, para modelarem o corpo. E também fazem uso de alimentos emagrecedores e produtos milagrosos, isto é, recorrem a tudo que remeta a juventude.

Essa visibilidade, portanto, tem que ser superada a todo custo, não basta apenas mentir ou esconder a idade, deve-se estar disposto a aceitar que o tempo não para e por isso os traços da idade são vistos em todo momento. Por conseguinte, esses atributos estão no foco de percepção. Tal visibilidade deve ser posta em destaque, uma vez que parte dela constrói a visão do estigma, em que a decodificação de algumas pessoas surpreende a muitos. Algumas falhas, marcas e rugas, para não citar outras características, não passam despercebidas aos olhos mais aguçados; pode ser algo pensado até como ilusório, mas pode-se notar algum vestígio de que o idoso se submeteu a cirurgia plástica, ou algum tipo de tratamento estético.

Inúmeras clínicas de cirurgia plástica, cosméticos mais variados, cremes rejuvenescedores e uma gama de produtos diversos, são postos no mercado atualmente e no mundo todo, ganhando assim uma amplitude e aceitação por parte de alguns indivíduos de mais idade e de poder aquisitivo melhor, além de possibilitar a fuga da realidade.

Logo, a visibilidade que o estigma aponta, no caso dos idosos é inevitável. Contudo, esses sujeitos condicionam uma nova identidade à modificação do físico, com a modelação do corpo, bem como efeitos especiais produzidos pela cosmética, fazendo parte da camuflagem que é rotina na vida de alguns desses idosos.

Com isso, não apenas a identidade, mas a imagem vai sendo deteriorada como parte do itinerário habitual desses sujeitos, ou seja, de suas práticas cotidianas. Deste modo, Goffman (1988) estabelece vários tipos de encobrimento, que pode ser desde o simples e momentâneo, passando pelo parcial, até chegar ao encobrimento total, chamado também de clássico.

A teoria de Goffman indica que é possível que o encobrimento seja descoberto ao identificá-lo pessoalmente. Nesse processo, incluem-se entre os antecedentes biográficos dos indivíduos, alguns fatos que não foram manifestados e que por sua vez são incompatíveis com suas pretensões sociais. A Biografia é utilizada nas Ciências Sociais sob a forma de histórias de vida profissional, em que dispensa-se as propriedades conceituais mais gerais [...] entende-se ainda, que todas as realizações do indivíduo pode ser incluído sem sua biografia, que incidem sobre o encobrimento. (Goffman, 1988).

Como informa Debert (2005), as implicações do encobrimento não são naturais nem imutáveis, entretanto, na nossa realidade, com o esforço disciplinado e o uso das tecnologias, pode- se conseguir a aparência desejada seja no rosto, no corpo ou os dois, contanto que desapareçam as marcas da idade. Logo, as rugas, os cabelos brancos ou a flacidez se transformam em lassitude moral sendo tratadas com a ajuda dos cosméticos, da ginástica, das vitaminas e da indústria de lazer, o qual se configura, de acordo com Goffman o encobrimento completo.

Essa "saída" que a autora nos mostra, não estaria apenas ligada a melhoria nos aspectos físicos e encobrimento do estigma, mas, sobretudo, para a cobertura de possibilidades, algo que viria a complementá-lo enquanto ser social. Esse encobrimento abre as portas para o mercado de consumo em que não há espaço para a velhice, que pode levar o leitor a pensar sob outro aspecto, a sociologia do consumo.

Outro ponto que podemos evidenciar nessa trajetória de encobrimento dos atributos estigmatizantes se deve ao fato de que os idosos, além do dever de parecer jovem fisicamente, precisam se estabelecer dessa maneira socialmente também, acarretando uma identidade social a ser alcançada.

E as técnicas de controle de informação tendem serem as mais variadas possíveis. Equipamentos corretivos, apresentação de signos diversos, no intuito de evidenciar uma menor significação de seus estigmas, trazem o isolamento, e o individuo que voluntariamente se revela, como ocorre na expansão do que se chama *Terceira Idade*[5].

As representações de uma velhice gratificante e produtiva são enquadradas nas atividades próprias da terceira idade, numa experiência inovadora em que o

[5]Para mais detalhes sobre o conceito de terceira idade, ler artigo "Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso e terceira idade". *In*: *Velhice ou Terceira idade*? De Myriam Barros. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

envelhecimento pode ser vivido coletivamente. Essa concepção de terceira idade estaria ligada a criação de novas etapas, a produção de novos estilos de vida e ao consumo de bens e serviços, tornando real a garantia de inserção na sociedade. Essa inserção pode ser conseguida de diversas formas. Uma delas pode ser evidenciada nos locais onde esses idosos podem se sentir à vontade, sua exposição pode ser feita sem nenhuma retração. Como locais, podem ser citados: os bailes da terceira idade, coral de idosos das igrejas, encontro periódico nas unidades básicas de saúde, universidades abertas para a terceira idade, grupo de férias do *SESC*[6], praças da cidade, entre outros.

Embora a individualidade seja um valor social, onde o individuo estabeleça uma percepção de si como ser inigualável e singular, a coletividade ainda se torna presente. Partilhando dos mesmos problemas e estigmas, os idosos estão conseguindo boas maneiras de obter satisfação na vida, de modo que a luta para o encobrimento do estigma moderno, parece estar sendo adiado para mais alguns anos na vida desses sujeitos, já que a perspectiva de vida cada vez mais aumenta. (Lins de Barros, 2004).

Esses idosos ainda adquirem, em virtude de possuírem uma idade avançada e, consequentemente, um estigma, alguns benefícios, os quais Goffman configura como sendo "os Ganhos Secundários". Neste aspecto, assim como o deficiente e as pessoas que convivem com AIDS, esses idosos partilham esses ganhos, que não são necessariamente iguais, mas não deixam de serem ganhos, que para muitos se tornaram uma conquista.

Esses benefícios podem ser evidenciados através do passe grátis em ônibus, meia - entrada em cinemas e teatros, vaga de carro em locais públicos, assento nos ônibus coletivos e de viagens, preferência no atendimento, principalmente nos bancos, já que as filas são enormes, rapidez nos processos jurídicos, entre outras concessões que estão descritas na íntegra no estatuto do idoso.

Na gratuidade do passe em ônibus, por exemplo, o idoso deve apresentar na sua carteira de identidade o carimbo em letras garrafais, MAIOR DE 65 ANOS, fato que pode ser constrangedor para muitos indivíduos dessa idade.

Goffman (1988) aponta que, nesse contexto de identificação está relacionada com a pressuposição de que o idoso, assim como qualquer indivíduo estigmatizado, pode ser diferenciado de outras pessoas, e que, em torno desses meios de diferenciação

[6] SESC – Serviço Social de Comércio.

[...] os entrelaçamentos acontecem a fim de criar uma história única dos fatos sociais. De modo mais específico, o autor completa seu pensamento, argumentando que:

> Essa documentação e os fatos sociais ligados a ela são quase sempre apresentados apenas em situações especiais a pessoas particularmente autorizadas a controlar a identidade, ao contrário do estigma que está ao alcance do público em geral. (Goffman, 1988: 55).

Todo esse aparato pode ter dupla consequência. A primeira se refere a ampliação das possibilidades do idoso lidar não apenas com seus estigmas sociais, mas com seus papeis sociais, e a segunda, pela responsabilidade em estar sempre bem. Estamos vivendo um novo processo, chamado por Debert (2003), de “Reprivatização do Envelhecimento”, na qual a velhice pode ser uma questão de escolha. Que por sua vez, deve ser encarada como um problema dos indivíduos, incapazes de se envolver em atividades motivadoras, deixando de adotar formas de consumo e estilos de vida para evitar a velhice.

Essa nova concepção dos idosos mostra o que Goffman aponta como sendo um contexto bastante evidenciado pelas pessoas cotidianamente, muitas vezes ocorre à admiração por parte dos outros, tornando evidente quando o idoso tem determinadas atitudes, como por exemplo, executar tarefas domésticas e laborais, fazer compras no supermercado, manter sua higiene corporal sem ajuda de terceiros, viajar, dirigir, e até mesmo ter domínio da tecnologia, já que o imaginário social preponderante é de que o idoso não esteja apto para executar tais atividades.

Tal concepção se torna gritante, chegando a causar espanto, quando se fala sobre sexualidade dos idosos. Os idosos que, antigamente não eram se quer mencionados nos estudos e nas literaturas, hoje são os notáveis alvos da AIDS, isso por que não se poderia imaginar outrora, pessoas por volta dos 60 anos fazendo sexo. E essa realidade, gera um duplo estigma, ser velho e portador de AIDS, talvez triplo no caso dos idosos com deficiências físicas, enfim, diversos estigmas circunscritos.

Enquanto uns aceitam livremente se enquadrar nesse rol dos mais de 60 anos, outros se escondem a todo custo dessa categoria. Essa nova tendência do jovem - velho, é evidenciada por Debert (2005), como forma de se contrapor a representação do envelhecimento como processo de perdas e deterioração.

Deste modo, tal realidade fornece questionamentos que são verdadeiros paradoxos, nos quais alguns autores se debruçam no sentido de dar alguma explicação, pois se ao mesmo tempo em que se condicionam processos pelos quais o estigma é evidente, em algum ponto apresentam-se medidas para contê-la, o que também não é uma saída, mas representa uma dupla via, ou as duas faces da mesma moeda.

Quanto a isso, Debert (2005) é enfática ao argumentar que as imagens gratificantes do envelhecimento, ou para melhor evidenciar, da terceira idade, como por exemplo as experiências de vida e os direitos sociais, não oferecem instrumentos capazes de enfrentar os problemas pelos quais os idosos passam, ou seja, todas as perdas de cognição, habilidades, controles físicos e emocionais que o estigmatizam. Estas capacidades por sua vez, são fundamentais para que qualquer indivíduo seja reconhecido como ser autônomo, e capaz do pleno exercício dos direitos adquiridos.

Portanto, podemos chegar a uma reflexão de que os pressupostos de Goffman, apesar de serem do século passado acompanham até hoje nossa sociedade. Ainda não nos desprendemos dos diversos elementos estigmatizantes os quais são abordados em seu livro. No mais, aos olhos de Goffman, o idoso estaria perfeitamente inserido nessa roupagem, e está. Sua imagem e suas interações fornecem indícios que o caracterizam como uma ameaça a construção da vida social.

Considerações Finais

Apesar de Goffman não ter abordado de maneira evidente a relação do estigma com a velhice, podemos perceber que sua reflexão a respeito do tema, torna-se perfeitamente encaixada nesse contexto.

Os idosos que, apesar de construírem seus espaços pouco a pouco, ainda agregam atributos que a sociedade estigmatiza. Padrões, sobretudo de juventude, que devem ser alcançados, são os mais preponderantes. Com isso, as características indesejáveis que advém com a idade, remontam as interações e criam novas percepções de como ser velho na atualidade. A disciplina, e o aperfeiçoamento dos grupos de terceira idade, dão espaço à camuflagem do ser idoso como papel de destaque na sociedade.

Percebemos como estão entranhadas as relações e os encobrimentos dos estigmas. Através dos elementos encontrados nos estudos de Goffman, percebemos a recente percepção de sua reflexão, e o modo pelo qual ainda avançamos pouco.

É notório destacar que vários estudos estão sendo realizados, e que favorece o entendimento sobre esses grupos, de forma que, possam ser visualizadas as novas concepções do ser idoso. Logo, é por meio dos estudos sociológicos, e neles estaria incluído o Interacionismo Simbólico, que podemos refletir sobre as diferentes formas de organização e relações sociais existentes nessa fase da vida, muitas vezes trazida socialmente como uma remontagem categórica.

Referências

Becker, H. (1996). A Escola de Chicago (Conferência). *Revista Mana*, *2* (2): 177-88.

Debert, G. G. (2003). O velho na propaganda. (Versão Eletrônica). *Cadernos Pagu*, *21*: 133-55. Recuperado em 15 dezembro, 2010, em: http://www.scielo.br/pdf/cpa/n21/n21a07.pdf.

____________________. (2005). *A vida Adulta e Velhice no Cinema*. *In*: N.A.M. de Gusmão (org.). Cinema, Velhice e Cultura. Campinas: Alínea: 23-44.

__________. (2004). *A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In:*: Família e Envelhecimento. Rio de Janeiro: FGV.

Goffman, E. (1988). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.* São Paulo: LTC.

Joas, H. (1999). *Interacionismo Simbólico. In*: Teoria Social Hoje. São Paulo: UNESP.

Langevin, A. (2006). A Construção Social das Idades: mulheres adultas de hoje e velhas de amanhã. *Caderno CRH*, 29(11): 129-49. Recuperado em 05 dezembro, 2010, em http://www.cadernocrh.ufba.br//viewarticle.php?id=225.

Lins de Barros, M. M. (2004). *Velhice na Contemporaneidade*. *In:* Família e Envelhecimento. Rio de Janeiro: FGV.

Melo, Z. M. de. (1999, outubro). Os Estigmas: a deterioração da identidade social**.** *Anais do I Seminário Internacional Sociedade Inclusiva.* Recuperado em 10, dezembro, 2010, de http://www.sociedadeinclusiva.pucminas.br/anaispdf/estigmas.pdf.

Nascimento, M. N. do. (2009). *Erving Goffman, as interações no cotidiano escolar, desvendando o estigma dentro da inclusão escolar.* Dissertação de Mestrado,

Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP, Brasil. Recuperado em 03 dezembro, 2010, em http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_arquivos/1/TDE-2010-02-03T125958Z-753/Publico/Manoel%20Alves%20do%20Nascimento.pdf.

Peixoto, C.(1998). Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... *In: Velhice ou Terceira Idade*. Rio de Janeiro: FGV.

Rebouças, F. (2008). *Os estigmas: a deterioração da identidade social*. Recuperado em 10 dezembro, 2010, em http://www.infoescola.com/sociologia/estigma-e-identidade-social/.

Russo, R.C.de T. (2008). *O Imaginário coletivo de estudantes de educação física sobre pessoas com deficiência.* Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica, Campinas, SP, Brasil. Recuperado em 10 dezembro, 2010, em http://www.bibliotecadigital.puc campinas.edu.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=403.

Velho, G. (2008). Goffman, mal-entendidos e riscos interacionais. *Revista Brasileira de Ciências. Sociais*, *68*(23): 145-7.

Recebido em 02/03/2011

Aceito em 20/03/2011

Márcia Andréa Rodrigues Andrade – Licenciada em Pedagogia e Bacharel em Enfermagem. Atualmente é mestranda em Sociologia pela UFPB, com foco de pesquisa em Envelhecimento, Sexualidade e Saúde.

E-mail: Marcia_dearodrigues@hotmail.com